

REVISTA ELETRÔNICA

DOCUMENTO MONUMENTO



ISSN: 2176-5804 - Vol. 37 - N. 1 - Dez/2024

Obras Raras
HEMEROTECA DIGITAL
ACERVOS Mato Grosso
Equipe Profissional IGHD
Preservação de Documentos
História Regional identidade
Acesso à Informação
NDIHR UFMT
Educação
ELIZABETH MADUREIRA
PROJETOS Fontes Históricas
PESQUISA Acervo Fotográfico Ensino
Revista Eletrônica memória
PESSOAS
Extensão



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MATO GROSSO

INSTITUTO DE GEOGRAFIA, HISTÓRIA E
DOCUMENTAÇÃO - IGHD

NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO
E INFORMAÇÃO HISTÓRICA REGIONAL
NDIHR

www.ufmt.br/ndihr/revista

MARIO BENEDETTI: ENTRE MEMÓRIAS E DIÁSPORA EM “GEOGRAFÍAS”

Ana Paula Ennes de Miranda Eto

Mestre em Educação pela UFMT

Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da UFMT

anaennesmiranda@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho surge na ideia de aproximação de questões ligadas às vivências e experiências daqueles que, imersos em meio a um contexto político-social de ditadura latino-americana do séc. XX, sofreram mudanças bruscas, tolhidos em sua liberdade de permanência em solo nativo, tendo que se deslocarem para outros países. Com isso, surgem rupturas que se desdobram em angústia, nostalgia e, em idealizações utópicas, surge a esperança do ideal através de projeção ficcional de suas memórias. O trabalho é dividido em três partes: a primeira, sobre cenário político-social latino-americano dos noventa; a segunda com a perspectiva intelectual e ideológica de Benedetti e, a terceira, sobre a análise do conto ‘Geografías’ sob a ótica da autoficção e do fenômeno da Diáspora. Para análise e discussão será utilizado autores da pós-modernidade como Foucault, Baumann, Stuart Hall entre outros.

Palavras-chave: Mario Benedetti. Intelectual. Diáspora.

ABSTRACT

El presente trabajo surge de la idea de reunir temas relacionados con las experiencias vividas por quienes, en el contexto político y social de la dictadura latinoamericana del siglo XX, XX, experimentaron cambios repentinos, obstaculizados en su libertad de elección territorial a la que pertenecen, debiendo trasladarse a otros países, experimentando rupturas que fomentaron angustias, nostalgias y utopías en la esperanza del ideal a través de la proyección ficcional de sus memorias. La obra se divide en tres partes: la primera, sobre el escenario político y social latinoamericano del siglo XIX; el segundo con las perspectivas intelectuales e ideológicas de Benedetti y, el tercero, sobre el análisis del cuento 'Geografías' desde la perspectiva de la autoficción y el fenómeno de la Diáspora. Para el análisis y discusión se utilizarán autores de la posmodernidad como Foucault, Baumann, Stuart Hall entre otros.

Keyword: Mario Benedetti. Intelectual. Diáspora.

DOS NOVECENTOS: CENÁRIO POLÍTICO-IDEOLÓGICO LATINO-AMERICANO

No decorrer dos últimos dois séculos a identificação social, cultural e política latino-americana tem sido objeto de atenção, o que proporcionou várias interpretações a respeito de sua formação, realidade e futuro. Segundo (Aggio; Pinheiro, 2012, p.32), em um contexto de múltiplas elaborações, a figura do *intelectual* se tornou relevante, pois vem desempenhando um papel essencial nos apontamentos críticos de natureza social e política quanto às contradições e tensões, direcionando encaminhamentos.

Desde o período colonial e especialmente a partir da independência, os intelectuais latino-americanos manifestaram de muitas maneiras uma perspectiva identitária diferencial do modelo anglo-americano, quanto do europeu. Dentre os que abraçaram essa perspectiva, alguns intelectuais escritores que, em posição de engajamento e função, militaram em partidos políticos, e vieram a ocupar cargos políticos no Estado.

Diante desse protagonismo, sua figura se apresenta carregada de diferentes representações geográficas e identitárias, aderindo ideários de acordo com as manifestações sociais, políticas e culturais. Muitos destes atores sociais, atrelados ao poder, e a um contexto de Revolução e Democracia, se entrelaçam em interpretações sobre o continente latino-americano. Desta forma, (Aggio; Pinheiro, 2012, p.32) concebe intelectuais como uma categoria social definida, motivada por inclinações político-éticas cuja função está no encaminhamento, elaboração e difusão de ideias.

No ano final da década de 1950 e início de 1960, eclodiu a Revolução Cubana (1959), movimento de tomada de poder por Fidel Castro e seus companheiros contra a oposição ditatorial de Fulgencio Batista. Segundo Emir Sader (2005), esse processo ocorreu acompanhado da decepção do povo perante o quadro de miséria, corrupção, falta de liberdade e dependência em relação aos Estados Unidos. Todo esse processo aconteceu dentro de um quadro histórico de lutas frustradas de independência iniciado na segunda metade do século anterior. E, a nomeação do processo de Revolução se deu a partir das mudanças ocorridas pelo movimento, transformações essas nas ordens política, social, econômica e ideológica.

Esse movimento se tornou um marco histórico para a Latino América pela sua característica literal de *Revolução*, que veio marcar e influenciar um ideário de unidade e identidade latino-americano. Segundo Bobbio (2015), a partir deste período o intelectual deixa sua forma tradicional de *viver para as ideias* para uma nova concepção — *viver das ideias*, o que o encaminhou para a legitimação de uma nova configuração crítica e especializada. Para (Aggio; Pinheiro, 2012), esse novo campo de produção, os novos estilos de pensamento servem aos diferentes grupos da sociedade moderna, sendo eles representados como sujeitos éticos e morais que, na esfera política, servem como ponte entre necessidades da sociedade e o Estado.

Esse papel intelectual fora exercido muita das vezes por escritores que, se utilizando da circulação de suas opiniões por meio dos instrumentos de comunicação, contribuíram nos encaminhamentos e formação de opiniões públicas. Em meio a este cenário, especificamente no Uruguai, a partir de 1939 surge a formação de escritores de uma nova geração denominada posteriormente, por Emir Rodriguez Monegal, de *Geração dos 45* (terminologia usada como denominação de um grupo de literatos uruguaios em sua obra *Literatura uruguaya del médio siglo* publicada em 1966). O grupo tinha como característica o espírito crítico juntamente com o processo

de modernização. Teve como marco a publicação da obra *El Pozo*, em 1939, por Juan Carlo Onetti, juntamente com abertura do semanário *Marcha*, jornal em formato diário dirigido por Aníbal Quijano.

O semanário ganhou expressão cosmopolita, por ter colunas assinadas por escritores de toda a Latinoamérica. Segundo (Blanco, 2006), com essa característica, o *Semanario Marcha* serviu de referência e vetor influenciador de posicionamento crítico aos leitores.

Ángel Rama, em sua obra *La generación crítica*, publicada em 1972, denomina este grupo de “Geração Crítica”, pois acredita representar a expressão crítica-política-social que seus integrantes determinaram em seus escritos nesta época. Para Rama, esse movimento se estende no Uruguai de 1939 a 1969, no qual se questionam a realidade nacional em todas suas dimensões. Essa nova geração, formada por periodistas, professores, ensaístas, políticos, abriu uma época cultural que se caracterizou por sua modernidade, entendida como rupturas formais com os pressupostos socioculturais vigentes e como crítica ao passado, ao atual e ao imediato. Literariamente, promulgou-se o realismo pela modernização ideológica burguesa, deixando de lado o discurso oficial, estabelecendo em seu lugar a importância da cidade, sua realidade e transformações. Para tanto, deixou-se de lado o vislumbre do Uruguai como Suíça da América, iniciando uma análise ácida sobre o seu real contexto político o qual refletiria em seus aspectos sociais e econômicos. (Blanco, 2006, p. 33-37).

Diante deste contexto, um intelectual nos termos descritos acima, tendo a escrita como meio de manifestação e atuação, protagonista deste artigo, integrante do movimento uruguaio da Geração dos 45, se fez notar por seu espírito poético e ao mesmo tempo crítico, notório por sua simplicidade na forma de escrita, voltando sua escrita ao leitor não só erudito como popular. Seu nome: Mario Benedetti.

Mario Benedetti, segundo (Volpe, 2003), representa para a literatura do Uruguai um marco intelectual que se destaca na literatura latino-americana. Como escritor, possui uma produção literária de mais de sessenta títulos, entre romances, contos, poesias, ensaios, crônicas, crítica literária, teatro e jornalismo. Na atualidade, devido à procura de suas obras, muitas delas foram traduzidas em mais de vinte línguas e adaptadas para televisão e cinema e, alguns de seus poemas, musicados. Mario Benedetti, no Uruguai, é considerado um dos poetas mais populares, pois consegue exprimir por meio de suas palavras sentimentos, ações, que ora se traduzem em transfigurações do popular, ora em ideologias e contextos políticos disfarçados em meio a narrativas contadas ou explicitadas em seus escritos. Diante de tal representatividade literária, não podemos deixar de destacar o que virá como cenário deste artigo: a produção crítica, social e política demarcada em seus escritos em período anterior ao exílio, mais precisamente durante o período do *boom* literário, compreendido entre as décadas de 60 a 70, o qual será posteriormente explicitado.

Mario Benedetti foi exilado do Uruguai em 1974, retornando apenas em 1984, passando, portanto, dez anos entre Argentina, Peru, Cuba e Espanha. Vivenciou o impacto social e político da Revolução Cubana e se instrumentalizou dos recursos que o mundo das letras lhe proporcionou (livros, jornais, revistas)

Cronologicamente, como literato jornalístico exerceu em 1943 o cargo de diretor da revista literária *Marginalia*, publicando também um volume de ensaios denominando *Peripeçia y novela*. Continuamente, em 1945 participou da equipe de outro jornal, o *Semanário Marcha* e, em 1949, se tornou membro do conselho de redação da revista *Numero*. Destacou-se por sua participação ativa como militante político em prol da valorização do nacional e da democracia, foi membro do secretariado provisório do *Movimiento de Independientes 26 de Marzo*, fundado em abril de 1971, e membro do partido *Frente Amplio*, assim como diretor em Montevideu do Departamento de Literatura Ibero-americana na Faculdade de Humanidades e Ciências da Universidade da República. (Poyes, 2010).

Como vários outros intelectuais latino-americanos do período, seus escritos em linguagem simples, com objetivo de alcance universal, serviram de meio de denúncia, pronunciamento transformador contra a opressão, trazendo esperança e meios de reversão a esse fato.

Para (Benedetti, 1967), o intelectual, em particular o escritor latino-americano, detém a obrigação de assumir em seus escritos uma condição de transformação político-social em prol do bem estar social. Acredita que os especialistas mais experimentados, incluindo os chefes de governo, por deterem mais informações do que a população, não podem ocultar suas intencionalidades e sim ter suas convicções voltadas ao bem maior social. Um simples militante político pode refugiar-se operacionalmente de modo confortável em relação aos seus ideais, mas o intelectual, por ter função de indagador, não tem outra saída a não ser pensar com sua própria ideia. Vislumbra esta tarefa como ingrata no sentido de se situar, devido a suas tarefas e ideologias, em fogo cruzado pela própria condição de ‘agente’, o que afirma sua posição como intelectual. Acredita também na ligação que o escritor tem com seu leitor, pois o escritor deve escrever suas ideias de forma que estejam ao alcance de seu leitor, que o façam pensar, que o contagiem, seja por contradições ou provocações. Essas afirmações de Benedetti lhe configuram um perfil de autor crítico que busca transformação e posições político-sociais que venham a valorizar e engrandecer a sociedade hispano-americana.

Benedetti com sua escrita simples, acessível e, de certa forma, direta e objetiva, sempre em tom poético, traz em Geografia seu olhar de pertencimento, de original, que pelo exílio, é carregado de saudade e crítica felina ao sistema.

MARIO BENEDETTI: GEOGRAFIAS E PERSPECTIVA DE UM INTELLECTUAL LITERATO ENGAJADO

Autor do objeto de análise deste artigo, o conto “Geografías”, Benedetti passou a maior parte de sua vida em *Montevideo*, local de presença e de grande significância na maioria de seus escritos. Escritor de novelas, contos, poesias e romances, traçava em suas linhas todo sentimento pelo Uruguai, retratando a realidade, o cotidiano, fatos, geografias e relacionamentos. Considerado por muitos críticos literários como um escritor ‘realista’, procura compartilhar com seus leitores seu olhar e perspectiva sobre a latino américa, vislumbrando-a de um olhar comum, de forma humanizada, transbordando na palavra sentimentos, realidades e utopias em movimento

para uma emancipação. Sua escrita, de forma clara e simples, tem o poder de capturar o leitor, levando-o a sentidos, significações que lhe proporcionam adentrar em um novo de estado de sentidos entre pensamento/sentimento. Focado no comum e no cotidiano, consegue desmistificar a figura do poeta, pois seus escritos estão em uma linguagem clara, simples e ao acesso de todos. Em outras palavras, ajuda o leitor, a partir da realidade dita, a reencontrar uma outra, transformando a original. De forma a investir na polifonia, ecoa sua palavra e ideologia por vários gêneros literários, com a intenção de trazer à tona uma realidade latino-americana, fruto de uma *hibridação*, mas com vozes locais que falam de seu lugar, de sua identidade. Para (Canclini, 2013), *hibridação* implica o trânsito, tanto de grupo humanos como de ideias, formas, valores, gostos, informações e sentidos, todos porosos e, portanto, permeáveis.

Esse engajamento ideológico e essa forma literária trazem como perspectiva a busca da cumplicidade do leitor na avaliação das tradições a partir de sua própria realidade.

Nessa prática, foi escritor, editor e ensaísta de jornais como *Número*, *Marcha e Marginália*, nos quais, pela crítica, exerceu sua identidade político-social-cultural, bem como defendeu a perspectiva de liberdade e direitos.

Criada no século dos embates ideológicos, *Marcha* foi uma “trincheira de ideias”. *François Dosse* sustenta que o ano de 1968 representa o marco de transição entre a modernidade e a pós-modernidade. Mesmo que o projeto intelectual do belicoso periódico de Montevideú tenha transposto esse marco, os intelectuais que tomaram o seu timão [...] formaram-se todos sob o influxo do *zeitgeist* da primeira metade do século XX; foram, portanto, na acepção dada por *Zygmunt Bauman* [...] intelectuais polifônicos, que acreditavam na ligação entre Literatura e política e da estética e da ética (Couto, 2008, 31).

Em afirmativa, (Foucault, 1979), “O intelectual dizia a verdade àqueles que ainda não a viam e em nome daqueles que não podiam dizê-la: consciência e eloquência”.

Sendo membro da “Geração de 45”, um grupo preocupado em mediar trocas culturais contribuindo para a formação de uma identidade social e cultural do país e latino-americana,

Em seu exercício como poeta, ensaísta e narrador, contribuiu de forma fundamental para o plano ideológico e cultural após o período pós-modernista da literatura hispano-americana uruguaia e latino-americana, enaltecendo a “realidade sem enfeites” e, delineando de forma ficcional, comportamentos, geografias de espaço e tempo, o Uruguai. (NODAL, 2014, p.19)

Em seu livro *Letras del continente mestizo*, Benedetti estabelece a importância do intelectual literato na formação do pensamento crítico-reflexivo do leitor:

[...] a comunicação que evidentemente se vai estabelecendo entre autor e leitor, esse alcance da obra literária a setores públicos cada vez mais amplos, traz consigo também novos reflexos, novos deveres, novas leis de inter-relação. Qualquer leitor medianamente sensível ou inteligente está hoje disposto a admitir que o escritor lhe provoque, o contradiga, o faça pensar, lhe contagie dúvidas. (BENEDETTI, 1967, p. 15)

O engajamento crítico-político de Benedetti entre literatura e política foi evidenciado pelos jornais, e se mostrou mais fortemente após o caso Padilla (caso em que jornalista e intelectual cubano, Padilla, foi preso em março de 1971, pelo regime de Fidel Castro, por denunciar em seus livros *Fuera de Juego e Provocaciones* as mazelas das autoridades cubanas). Diante do ocorrido, Benedetti, em seus artigos, critica o cerceamento à liberdade de expressão em Cuba e a perseguição política de intelectuais cubanos pelo governo de Fidel Castro.

[...] deixa claro sua separação entre literatura comprometida e literatura política. A primeira “manteria o valor literário ao lado (ou talvez antes) do compromisso, até para dar validade à estrutura da obra que carregará uma intenção ou uma mensagem. (ROCCA, 2014 p. 83)

Neste cenário de engajamento político, também tem como pretensão requerer, pelos seus escritos, a amortização da passividade dos uruguaios:

Falta paixão, e paixão gritada, ou pensada aos gritos. É preciso gritar nos ouvidos das pessoas, já que sua aparente surdez é uma espécie de autodefesa, de covarde e má autodefesa. É preciso conseguir acordar nos outros a vergonha de si mesmos, substituir neles a autodefesa pelo nojo de si mesmo. No dia em que o uruguaio sentir repulso pela sua própria passividade, esse dia se transformará em algo útil (BENEDETTI, 2011, p. 181)

Tais afirmativas configuram ao autor um perfil crítico engajado em posicionamentos que venham a valorizar e engrandecer a sociedade hispano-americana. Sob essa égide, (Benedetti, 1960) defende o que denomina, ética do comprometimento: comprometer-se significa falar de acordo com o que pensa, agir de acordo com o que se fala, e, finalmente, assumir a responsabilidade dos próprios atos.

DA DIÁSPORA

Bobagens que você inventa no exílio para tentar se convencer de que não está ficando sem paisagem, sem gente, sem céu, sem país. As geografias, que delírio bobo (BENEDETTI, 2013, p.16).

É assim que o narrador, nas primeiras linhas do conto, descreve seu estado, em fenômeno de ‘Diáspora’. Um lamento configurado em identidade-espaco-pertencimento. A figuração é composta por paisagem, gente, céu e pátria. Todo um entorno com elementos que retratam uma territorialidade habitada, sentida e significada. Exprime sua identidade na falta, no não pertencimento, que o remete a uma tentativa de convencimento de que não está perdendo sua ‘Identidade’.

Esse estado de identidade abalada em seus sentidos e significações, que tenta ser fixada como o que o narrador denomina de ‘delírio bobo’, é explicado como processo de produção da identidade:

O processo de produção da identidade oscila entre dois movimentos: de um lado, estão aqueles processos que tendem a fixar e a estabilizar a identidade; de outro os processos que tendem a subvertê-la e a desestabilizá-la. [...] Tal como a linguagem, a tendência da identidade é

para a fixação. Entretanto, tal como ocorre com a linguagem, a identidade está sempre escapando. A fixação é uma tendência e, ao mesmo tempo, uma impossibilidade. (Silva, 2000, p.87)

Essa configuração identitária parte de memórias, de significações as quais Pierre Nora (1993) denomina de *Lugares de memória*. Nora debate sobre as particularidades da história e memória. A primeira nos remete ao passado, a reconstrução problemática e incompleta de algo que não existe mais, sendo um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente. Já a memória, ela é viva, podendo ser sacralizada, por conter subjetividades e fatos de vínculo afetivo, o que lhe torna suscetível à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente do que irá ou não ser lembrado, com deformações sucessivas, com acréscimos ou decréscimos de conteúdo, vulnerável aos usos e manipulações. Diante disso, o conto *Geografias* se mostra como uma autoficção em que Benedetti, a partir dos personagens Roberto, Bernardo e Delia, retrata o resgate desse lugar sagrado, Montevideo, com suas experiências afetivas, ideológicas, singulares e sociais, transmutado em personagens, fatos e sentimentos. Segundo (Graziadei, 2015), a autoficção propicia ao autor expor, em sua criação literária, o não dito de uma história, a partir da transformação de uma experiência vivida em narrativa criativa. Possibilita ressignificar ou enfatizar fatos históricos, através de personagens e enredos fictícios.

Nesse movimento de vivência-ficção, tece com palavras as experiências daqueles que sofreram a violência do exílio, o sentimento da diáspora e o da materialização, mesmo que utópica, de seu lugar sagrado.

Pelo menos uma vez por semana, Bernardo e eu nos encontramos no café Cluny para mergulhar (diante de um *beaujolais*, ele; de um *alsace*, eu) nas benditas geografias. Um jogo elementar e meio opaco, que só se explica pela chatice. Mas a chatice, porra, é uma realidade. Me chateio. Logo existo. E por isso o jogo tem lá o seu encanto. (Benedetti, 2013, p.16).

O exercício que o autor traz, em rememoração ao que lhe pertence, ao que lhe é sagrado, é um jogo em que Bernardo e Roberto se colocam, o que denomina de *mergulho nas benditas geografias*.

Rememorando essas geografias traz também, em contraponto, a percepção de sua impotência, da impossibilidade de não fazer mais parte da realidade utópica, almejada, de estar em sua terra sagrada. E logo o descreve como *um jogo elementar e meio opaco*, que gera um sentimento de chatice, mas por sua vez, oferece um certo encanto, por essa realidade não pertencer ao local almejado, seu país, o Uruguai.

Segundo (Said, 2005), a experiência daquele que não foi somente forçado a deixar seu país, mas como a viver longe de casa, dos seus, por forças de poder, não por opção, experimenta, o tempo todo, o estado permanentemente de ligação torturante e vazio:

Há algo fundamentalmente desconcertante nos intelectuais que não têm escritórios seguros, nem território para consolidar e defender; por isso, a autoironia é mais frequente do que a pomposidade, a frontalidade melhor do que a hesitação e o gaguejo. Mas não há como evitar

a realidade inescapável de que tal representação por intelectuais não irá trazer-lhes amigos em altos cargos nem lhes conceder honras oficiais. É uma condição solitária, sim, mas é sempre melhor do que uma tolerância gregária com o estado das coisas. (Said, 2005, p. 17).

E nesse jogo de rememoração, há um desprendimento da realidade, do presente, de retorno ao passado, por fragmento de lembranças, objetivando locais, paisagens, sujeitos com sua história, em prol do resgate de uma configuração utópica, de memória, como que a compor um cartão-postal no qual essas memórias viram elementos dessa composição que podem levar à finalização ou não dessa configuração:

[...] E, portanto, o jogo tem suas cócegas. É assim: um dos dois pergunta sobre um detalhe (não privado, mas público) da longínqua Montevideu: um prédio, um teatro, uma árvore, um pássaro, uma atriz, um café, um político foragido, um general aposentado, uma padaria, qualquer coisa. E o outro tem que descrever aquele detalhe, tem que aproveitar sua memória para extrair dela seu cartão-postal de dez anos atrás ou desistir e admitir que não se lembra de nada, que aquela figura ou aquela informação foram apagados, eles não ficam mais em seu arquivo mnemônico [...]. (Benedetti, 2013, p. 16).

Nessa perspectiva, levada para uma realidade utópica, aquela em que possa tocar os sentidos e sentimentos:

A utopia é um lugar fora de todos os lugares, mas é um lugar onde terei um corpo sem corpo, um corpo que será belo, límpido, transparente, luminoso, veloz, colossal em sua potência, infinito em sua duração, desligado, invisível, protegido, sempre transfigurado; e é bem possível que a utopia primeira, aquela que é a mais inextirpável no coração dos homens, seja precisamente a utopia de um corpo incorpóreo. O país das fadas, dos duendes, dos gênios, dos magos, e bem, é o país onde os corpos se transportam à velocidade da luz, onde as feridas se curam imediatamente, onde caímos de uma montanha sem nos machucar, onde se é visível quando se quer e invisível quando se deseja. (Foucault, 2013, p. 8).

Contempla a formação da figuração de Identidade por meios de recordações e relato de figuras, fatos e espaços públicos, descrevendo detalhes, feitos e ideologias:

[...] detalhe da frente do cavalo perna no monumento ao gaúcho, e outra, não menos venenosa, sobre as janelas do Palacio Salvo, décimo primeiro andar, que dão para a Plaza Independência. (Benedetti, 2013, p. 17).

Pelo traçado do perfil ideológico e ativista dos personagens:

Em 1969, antes do delírio militante e da loucura repressiva e do grafite nas paredes e na clandestinidade irreversível [...]. [...] Depois vieram os tempos difíceis e os respetivos militantes começaram a nos separar. Os horários (também luta política também tem horários e quão severa) conspiraram contra nós. Às vezes passávamos quinze dias nos vendo apenas em alguma assembleia e, mesmo assim, começamos a discordar: mais de uma vez, no momento-chave da votação da madrugada, eu levantava a mão e ela não, ou ela se levantava dela e o meu no bolso. (Benedetti, 2013, p. 17).

Para (Hall, 2003, p. 15-16), [...] a identidade é um lugar que se assume, uma costura de composição e contexto, e não uma essência ou substância a ser examinada. E nesse movimento de rememoração entre os personagens, é forjada uma composição transfigurada por fragmentos de fala, como num jogo de quebra-cabeças, cujas peças vão compondo o cenário vívido de Montevideo:

Ah, mas acho que você não reconheceria a cidade. Ambos perderiam aquele jogo de

geografias. Por exemplo? Dezoito de julho não tem mais árvores, sabia? Oh. De repente, percebo que as árvores do Dezoito foram importantes, quase decisivas para mim. Sou eu que eles mutilaram. Fiquei sem galhos, sem braços, sem folhas. Impercetivelmente, o jogo das geografias torna-se uma indagação ansiosa. Começamos a rever a cidade, a nossa, a minha e a do Bernardo, com perguntas prementes. Ocorre a Bernardo perguntar sobre La Platense. Nossa, que idade, diz Delia. Derrubaram, hoje é o Banco Real, um prédio moderno, bem bonito, cheio de cristais. Digo que *La Platense* cumpriu sua tarefa na rica história do kitsch vernacular, jamais esquecerei seus vitrais, com aquelas pinturas berrantes, de velhos esqueléticos de lágrimas gordas, e filhos desamparados da pobreza generosamente reconstruídos. Delia interrompe para me dizer para não ser injusto, que naquela vitrine também havia lápis e compassos e aquarelas e pincéis e pastéis e molduras e papelão. Sim, claro. Que? O teatro Artigas? É isso, pessoal. Tem um estacionamento, um estacionamento como dizem agora. Merda. Bernardo lembra de uma época de ouro em que Artigas dava bons filmes pornô, que outra nostalgia se pode esperar de uma cara que conta as janelas do décimo primeiro andar. Por outro lado, penso na noite em que Michelini fez um discurso lá. E também que meu velho disse que Alicia Alonso havia dançado naquela sala. Quebrou Scholberg? Kaputt. Existe um cartório do Registro Civil. E a Maiorquina? A gôndola? Angenscheidt? Três vezes kaputt. Além disso, relata Delia, por toda a parte, há andaimes para obras suspensas, ou lotes com entulho. (Benedetti, 2013, p.20).

Finalizando o conto, em reflexão, Benedetti traz a questão do exílio, não de forma literal, mas através da percepção, pelo leitor, da mudança corporal e emocional da reação da personagem Delia perante as questões sobre exílio e seus desdobramentos.

[...]começo a filosofar sobre o exílio, falo sobre esse assunto só para dizer alguma coisa, como poderia ter me referido aos ecologistas alemães ou ao arenque holandês. Porém, basta ela desembarcar e não sorrir mais para alguma coisa, mas para alguém, digamos para mim. [...] Ela olha para mim com nova atenção e diz quanto tempo eh, quanto tempo e quantas coisas. De repente, como se dez anos tivessem caído em seu rosto, não com rugas ou olheiras ou pés de galinha, mas com desânimo e tristeza. E não com uma tristeza do momento provisório, efêmero, mas outra incurável, aparafusada até os ossos, com raízes em algum enigma que para ela não é. Cinco minutos de silêncio[...]. Andamos de braços dados, sem nos falarmos, mas o contato refaz uma história. (Benedetti, 2013, p.22).

O conto encerra com a mudança, ou seja, a transformação no olhar para vida e para suas experiências perante a realidade existente. Todas as paisagens mudaram, em todos os lugares há andaimes, em todos os lugares há escombros. Isso é o que diz. Minha geografia, Roberto. Minha geografia também mudou. Isso é o que diz. (Benedetti, 2013, p.24).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar sobre Mario Benedetti nos dias atuais é trazer à reflexão temas como engajamento, liberdade, altruísmo e conscientização.

Engajamento, porque sua história e seus escritos levam a pensar sobre como viver? Que importância dar ao lugar em que se vive? O que esperar dele? Como agir em sociedade nos tempos atuais?

Todas estas reflexões remetem a questões atuais, que apesar de globalizado, permite olhar para micro, para o particular, como também para o macro, o geral. Cada qual com suas especificidades e intensidades, conforme o nível de conscientização e formação de cada um. O importante está no

exercício de politização e conscientização do porquê, de como, quando e onde se colocar. O uso da escrita autoficcional enfatiza experiências vividas. Traz à tona sentimentos e sentidos, reflexos de condutas externas, opressoras, mas que podem ser combatidas com ideais e a escrita.

Benedetti, tendo como ferramenta a palavra, perpassando por vários gêneros literários, não só informou, mas também conscientizou mentes, atitudes, influenciando ideários, ora por uma linguagem afiada, em seus ensaios, ora por manifestações nacionalistas, de enaltecimento de sua terra e povo, em seus romances, novelas e poesias.

O conto *Geografias* é resultado de um trabalho de engajamento político-social de Mario Benedetti. É dito como sendo de autoficção, pois Benedetti aproveita de suas experiências vividas para criar, de forma ficcional, a obra.

partir de uma narrativa polifônica, atravessada por perspectiva de engajamento, de denúncia, de tentativa de composição e fixação de uma *geografia humanizada*, configurada por paisagens, pessoas, traz também os sentidos, o trauma, daqueles que, em Diáspora, possuem sua Identidade em estado de deslocamento espacial e temporal. Traz à tona, pelos personagens Roberto, Bernardo e Delia, a utopia da cidade de *Montevideo*.

Essas questões nos levam a pensar sobre, e a problematizar essa realidade. O quanto uma violência gerada por regimes de poder pode ceifar a humanidade no que ela tem mais de humano, seus sentimentos, sentidos, significações.

Origem, pertencimento, coisas que nos são naturais, corroboram com nosso sentido de Identidade.

Aos que sofrem o exílio, há mudanças drásticas, resultando em alguma proporção, em experiência traumática, de desestabilização. Restando apenas a vontade utópica, de recriar por memória, mesmo que transfigurada, mesmo que com algumas deformações, imagens, sutilezas, marcas, lugares, cheiros, sentimentos. Elementos que corroboram para o resgate de sua origem, sua identidade e dignidade.

Para Benedetti, sua ação está em retratar o cotidiano, o cenário social e político na qual sua dignidade, de poder estar em sua terra, que em seus escritos de outrora defendia, e descrevia, como verdadeiro lar. Diz-se lar, porque seu sentimento e apreço transbordava em seus vários escritos, dentre vários gêneros literários, e, em especial aqui o citado e analisado, *Geografias*, obra escolhida para tal.

Em *Geografias* retrata momentos de transferência à terra natal, àquela que em memória, preenche o sentimento de pertencimento. Traz narrativas detalhadas de locais, situações vividas como cheiro, cores, luzes, sentidos. Fruto de um sentimento que, pela distância e impossibilidade de estar, traz também em suas palavras a falta, a saudade, a tristeza se contrapondo com a motivação e o fato da expectativa de saber que, em um retorno, ao seu Uruguai, tudo, esse passado guardado na memória, suas impressões e sentidos, que outrora lhe trazia satisfação e gozo, podem não ser os mesmos. Essa

comprovação, Benedetti vai retratar em *obra posterior: Montevideanos*, quando depois do exílio, retorna ao Uruguai.

REFERÊNCIAS

AGGIO, Alberto; PINHEIRO, Marcos Sorrilha. **Os intelectuais e as representações da identidade latino-americana. Dimensões**, Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, vol. 29, p. 22-49, julho, 2013.

BAUMAN, Zigmunt. Legisladores e intérpretes - *Sobre la modernidad, la posmodernidad y los intelectuales*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1997.

BENEDETTI, Mario. *Letras del continente mestizo*. 2. ed. Montevideo: Arca, 1967.

_____. *Geografías*. Madrid: Punto de Lectura, 2010.

_____. *“Situación actual de la cultura cubana.”* Montevideo: Marchanúm., 1968.

_____. *Montevideanos*. São Paulo: Ed. Mundareo, 2016.

BLANCO, Elvira. *La creación del imaginário. La generación literária del 45 en Uruguay*. Tese (doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências. São Paulo. USP. 2006.

BOBBIO, Norberto. **Política e cultura**. São Paulo: Unesp, 2015.

CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2013. p. 34.

COUTO, Cristiano Pinheiro de Paula. **Cuadernos de Marcha (Primeira Época, Montevideu, 1967-1974): uma “trincheira de ideias” desde o Uruguai para o mundo**. Santa Catarina: UFSC, 2008, p.31.

FERNÁNDEZ, Wilson. Mario Benedetti: Biografía y Poemas. **Cadernos PROLAM/USP**. Ano 9, Vol. 1, p. 192-199, 2010.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico: As heterotopias**. São Paulo: n-I Edições, 2013, p.8.

CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2013. p. 34.

GRAZIADEI, Neiva Maria. **Fronteiras da memória: o exílio de cada um: a narrativa dos rastros em Mario Benedetti e Marta Traba**. 2015.202f. Tese (Doutorado em Letras) Instituto de Letras Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

HALL, Stuart. **Identidade cultural e diáspora**. Tradução: Regina Helena Fróes e Leonardo Fróes. Revisão técnica: Marília de Andrade. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. N°24 Ano: 1996.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Org. Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende... et all. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MAGNELLI, A.; RAMA, Ángel. Uma paixão latino-americanista. **Caderno de Letras**, n. 43, p. 419-424, 2022.

NODAL, Antônio; ASSUMPÇÃO, Cândida; et. Al. **In: Literatura e Resistência: olhares e perspectiva.** Belém: UFPA, 2014, p.19.

POYES, Gabriel Macêdo. **Mario Benedetti e as Alternâncias da Modernidade Uruguaia.** Tese. Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas. UFRJ, 2010.

RAMA, Ángel. *La generación crítica; 1939-1969.* Montevideo: Arca, 1972.

ROCCA, Pablo. *Mario Benedetti: Crítico literário y ensayista.* Montevideo: Cal y canto, 2014.

SADER, Emir. **A Revolução Cubana.** São Paulo: Moderna, 1985.

SAID, Edward. **Representações do intelectual.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais** / Tomaz Tadeu da Silva (Org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SILVEIRA, Maria Laura; COSTA, Daniel De Lucca Reis. **Norteando-se pelos limites do Sul: Uruguai na Imaginação Geográfica de Mario Benedetti.** São Paulo: USP, 2008.